

belece que qualquer rapaz no grupo está apaixonado por alguma (esta ou aquela) rapariga; a interpretação de âmbito curto estabelece a existência de uma determinada rapariga pela qual todos os rapazes no grupo estão apaixonados. Como exemplo do último caso (e logo também do segundo), tome-se a frase 3) «Alguém descobrirá a Fonte da Juventude», empregue numa certa ocasião, digamos t . 3 é ambígua entre as seguintes duas interpretações: a) uma em que se atribui ao operador temporal subjacente ao verbo âmbito longo em relação ao quantificador existencial (restrito a pessoas), e cuja simbolização é 3a) $F \exists x$ [Descobrir(x , a Fonte da Juventude)] (em que F é o operador temporal de futuro); b) outra em que se atribui ao operador temporal âmbito curto, e cuja simbolização é 3b) $\exists x$ [F Descobrir(x , a Fonte da Juventude)]. Mais uma vez, a ambiguidade de âmbito resulta aqui em diferenças semânticas notórias: a interpretação de âmbito longo é verdadeira (relativamente à ocasião t) se, e só se, numa certa ocasião $t' > t$, pelo menos uma pessoa existente em t' , descobre em t' a Fonte da Juventude; enquanto que a interpretação de âmbito curto é verdadeira (relativamente a t) se, e só se, pelo menos uma pessoa existente em t descobre a Fonte da Juventude numa certa ocasião $t' > t$.

Finalmente, é possível introduzir uma noção de âmbito intermédio de um operador numa frase ou fórmula relativamente aos âmbitos de outros operadores na frase ou fórmula. Considere-se a frase 4) «Necessariamente, algo possivelmente existe.» 4 é ambígua entre duas interpretações (supondo, para simplificar, que o operador modal de necessidade é o operador dominante ou de maior âmbito): a) uma em que se atribui ao QUANTIFICADOR existencial âmbito longo em relação ao operador modal de possibilidade, e cuja simbolização é 4a) : $\exists x$ [\Diamond Existe(x)]; b) outra em que se atribui ao quantificador existencial âmbito curto, e cuja simbolização é 4b) : $\Diamond \exists x$ [Existe(x)]. Em 4b o operador de possibilidade tem âmbito intermédio em relação ao operador de NECESSIDADE e ao quantificador; em 4a é o quantificador que tem âmbito intermédio em relação aos operadores modais. Note-se que 4b é uma VERDADE

LÓGICA na semântica S5 para a LÓGICA MODAL quantificada; enquanto que 4a não o é. *Ver também* CONECTIVO; DE DICTO / DE RE; SINTAXE LÓGICA; AMBIGUIDADE. JB

anáfora Expressão de uma LÍNGUA NATURAL de SIGNIFICADO variável cuja REFERÊNCIA é estabelecida a partir do significado de outras expressões, as quais são designadas por «antecedentes» (das anáforas). Veja-se os seguintes exemplos ilustrativos. 1a) «A Maria não gosta de si própria.» 1b) «A Cristina não gosta de si própria.» 2a) «O Pedro prometeu que ofereceria a sua fortuna à Santa Casa da Misericórdia mas não o fez.» 2b) «O Pedro prometeu que saltaria da ponte sobre o Tejo no Dia dos Namorados mas não o fez.»

As propriedades anafóricas da expressão «si própria» são colocadas em evidência pelo par de frases 1a-1b. Na primeira frase, «si própria» refere a pessoa que é referida por «a Maria», enquanto na segunda refere outra pessoa, no caso aquela que é referida por «a Cristina». «A Maria» e «a Cristina» são portanto as expressões antecedentes da anáfora «si própria» nestas duas frases.

Também as propriedades anafóricas da expressão «o» são colocadas em evidência pelo par 2a-2b. Na primeira frase, a interpretação de «o» refere o evento descrito pelo seu antecedente nessa frase, a oração «que ofereceria a sua fortuna à Santa Casa da Misericórdia», enquanto na segunda frase depende da interpretação da oração «que saltaria da ponte sobre o Tejo no Dia dos Namorados.»

É usual encontrar autores que preferem usar os termos «expressão de referência dependente», «expressão anafórica» (*anaphor*), ou outros para classificarem o tipo de expressões atrás apresentadas, em ordem a reservarem o termo «anáfora» (*anaphora*) para referirem a relação entre a expressão anafórica e o seu antecedente ou antecedentes. Nesta linha, pode-se ainda encontrar a distinção entre anáfora e catáfora. Ao invés do que acontece na primeira, na segunda, a ocorrência da expressão anafórica precede a ocorrência do seu antecedente, como é o caso entre «o» e «o assassino» no exemplo seguinte: «Apesar de a polícia

análise

o ter apanhado em flagrante, o assassino nunca confessou ser o autor do crime.»

Cabe também referir outros tipos de anáfora, diferentes das ilustradas nos exemplos anteriores.

Anáfora Associativa (ou Indirecta): neste tipo de relação anafórica, a expressão anafórica denota algo tipicamente associado à referência do seu antecedente. No exemplo 3) «Nesse dia, o João entrou pela primeira vez no seu novo gabinete. A janela encontrava-se aberta para a cidade.» a referência da expressão anafórica «a janela» é estabelecida a partir da denotação do seu antecedente, «o seu novo gabinete», denotando a janela do novo gabinete do João, ou seja algo que não é referido pelo antecedente mas que se encontra tipicamente associado à referência deste.

Anáfora de Tipo E (*E-Type*): neste caso, considera-se que a expressão anafórica tem por antecedente um sintagma nominal quantificacional e a sua referência é *grosso modo* o conjunto que resulta da intersecção entre as denotações que são relacionados pela denotação do respectivo determinante. 4) «A maioria dos deputados rejeitou a última proposta do Governo. Eles acharam que a proposta era inconstitucional.» A expressão «eles», que ocorre na segunda frase do exemplo de 4, refere os deputados que rejeitaram a proposta do Governo, os quais são a maioria dos deputados, como se ficou a saber pela primeira frase.

Anáfora Ligada (*Bound*): também aqui a expressão anafórica tem por antecedente um sintagma nominal quantificacional. Neste caso, a expressão anafórica não denota nenhum entidade ou conjunto de entidades em particular, apresentando antes um comportamento semântico semelhante ao das VARIÁVEIS ligadas das linguagens lógicas. 5) «Naquele Departamento, cada um dos professores idolatra-se a si próprio.»

Anáfora Ramificada (*Split*): neste caso a expressão anafórica depende de mais de um antecedente, sendo a sua referência o resultado da combinação da referência dos antecedentes. É o que acontece no exemplo seguinte, em que «eles» refere o João, a Maria e a Cristina. 6) «Foi o João que informou a Maria e a Cristina de que eles tinham sido designados pelo chefe

para negociar a aquisição do novo escritório.»

Ver também INDEXICAIS, REFERÊNCIA, DENOTAÇÃO. AHB

análise As expressões «análise», «análise lógica» e «análise conceptual», partilham com o termo «filosofia» de uma multiplicidade de sentidos que tornam em todos os casos impossível produzir uma definição válida para todos os sentidos envolvidos. A análise não é um corpo de doutrina mas antes um estilo que se caracteriza por valorizar o detalhe contra a generalidade, o rigor contra a ambiguidade e por focar a estrutura dos, e as implicações entre, os conceitos do esquema conceptual em uso. Torna-se assim necessário adoptar antes um ponto de vista descritivo e procurar enumerar os métodos propostos pelas diversas concepções.

Sistemas de Análise baseados na Técnica da Definição Explícita: Na história da filosofia um uso consciente do termo «análise» e já característico no séc. XIX. O sucesso do método analítico na química estimulou a analogia de que um método de estudo válido para a solução de um problema filosófico seria uma decomposição que revelasse a estrutura das suas partes, as funções destas e as relações relevantes entre elas. É neste sentido que a expressão «pensamento analítico» é usada depreciativamente por F. H. Bradley (1846-1924) em 1893 no seu livro *Appearance and Reality*. Para Bradley a decomposição ou a análise constitui uma falsificação da realidade uma vez que esta, na sua teoria, é constituída numa percepção de unidade, de tal modo que a exibição das suas partes constituintes torna a realidade ininteligível. Este «pensamento analítico» encontrou a sua representação inicialmente em Bertrand Russell (1872-1970), para quem a realidade consistia precisamente na existência independente de termos, predicados e relações. A análise revela uma estrutura compósita, constituída pelos pares de conceitos físico e mental, particular e UNIVERSAL. Russell conseguiu refutar a teoria monista de Bradley através da sua conhecida defesa da realidade das relações externas. Uma relação é externa se não é redutível a propriedades dos seus argumentos (*relata*) ou da totalidade argumentos-relação. Para Bradley uma

Direcção de
JOÃO BRANQUINHO
DESIDÉRIO MURCHO
NELSON GONÇALVES GOMES

ENCICLOPÉDIA DE TERMOS
LÓGICO-FILOSÓFICOS

2005